

A RESSONÂNCIA DOS CLÁSSICOS NO SÉCULO XVIII

Ana Thereza B. Vieira
UFRJ

A cultura romana não termina com o fim do Império Romano. Muito pelo contrário, ela é revisitada por várias culturas em décadas sucessivas.

No século XVIII, encontraremos um autor, ou melhor, um filósofo, Giambattista Vico (1668-1744), que nos propõe em sua obra máxima, a *Scienza nuova* (1744), uma teoria da poesia e da história literária.

A poesia se identifica com a fantasia e com o mito, em estreita relação com os sentidos. “Os poetas são poetas por natureza”, diz Vico, e não se é poeta e filósofo ao mesmo tempo, pois as duas coisas são impossíveis numa única pessoa. Os verdadeiros poetas existiram na Antiguidade, tal como Homero; no tempo de Vico produzem-se apenas retores, literatos, pensadores, mas não poetas.

A história adquire um caráter científico, constitui-se na ciência mais acertada, posto que o homem narra as próprias vicissitudes. Ela se compõe de três idades: “Os homens primeiro sentem sem perceber, depois percebem com espírito perturbado e comovido, e, finalmente, refletem com mente pura”. O que se refere às três idades do gênero humano: a idade dos deuses, dos heróis e dos homens. E, correspondentes a essas três idades existiram três línguas no mundo, segundo nos narra a história dos egípcios: a língua hieroglífica, ou seja, sagrada (composta de gestos mudos, convenientes às religiões), a língua simbólica (ou por similitudes, que é a heróica) e a epistolar, ou seja, vulgar dos homens, por signos convencionados para comunicar as vulgares necessidades da sua vida.

As religiões, portanto, marcam o princípio de todas as nações do mundo. Sem estas, o homem se torna um animal bruto, disforme e cruel. E, como consequência, tem de vagar num chamado error ferino, sem rumo certo. Assim, os primeiros homens que existiram no mundo foram gigantes, que viveram logo após o dilúvio universal, dispersos pelas selvas, sem nenhuma educação. Não tendo a capacidade de formar gêneros inteligíveis das coisas, portanto, não possuindo a capacidade de abstrair, tiveram de criar as fábulas para lhes servir de modelo.

A sua obra inicia com a descrição de uma figura, que Vico denomina de “Idéia da obra”, onde se divisa um sol, com um triângulo em seu centro e um olho, emitindo raios de luz que atingem o peito de uma mulher alada, situada sobre um globo (o globo terrestre). Este globo se encontra sobre um altar, na parte direita, ladeado por uma tocha e por um cálice. A luz que refletira na mulher, reflete, por sua vez, na estátua de um homem idoso, situado à esquerda do altar. Dispostos pelo chão, aparentemente sem uma ordenação certa, um cajado, um arado, um timão, uma tábua onde se inscrevem algumas letras do alfabeto latino, colunas gregas, uma espada, um capacete, uma bolsa e uma balança.

A explicação de Vico para essa figura é que o olho que emite os raios é a Providência Divina, e o triângulo, as três idades do mundo. A luz é a graça da Providência e a mulher é a Metafísica, segundo Vico, a maior de todas as ciências, visto que questiona o princípio do conhecimento. A estátua do homem idoso representa Homero, o primeiro poeta, e os instrumentos espalhados pelo chão indicam uma idade posterior. O arado é a fase agrária; o cajado, o poder dos sacerdotes e a religião como centro da ordem civil; a espada é a força, a escrita, o domínio do saber letrado; o timão alude às navegações; a bolsa, ao comércio e ao mercantilismo e a balança, ao estatuto dos governos populares.

Os exemplos de sua “Ciência nova” vêm todos da história das nações mais antigas do mundo: chinesa, egípcia, caldéia, hebraica, grega e, por fim, romana. Estas são cotejadas com as nações do mundo moderno – italiana, alemã e francesa.

Giambattista Vico acredita que, a partir da história real dessas civilizações, podemos auferir a história ideal, escrita por Deus, e assim encontrar o elo de ligação entre as culturas a partir de um confronto de seus dados materiais de sua origem.

Assim, por exemplo, a história da cultura romana se inicia com a vinda de Enéias, famoso guerreiro troiano, para a Itália para fundar um novo reino. Como se viu, a religião será a base da formação do novo povo. A partir daí, o autor nos apresenta a mitologia clássica, mas não como mera enumeração dos deuses e suas principais características. Para que tais deuses, com todas as suas qualidades e defeitos, tivessem realmente alguma função para o vulgo, Vico explica todas as razões que levam tais deuses a seus comportamentos, que, como veremos, têm suas bases na própria economia e nos domínios territoriais.

Observaremos que todas as contendas entre os deuses são, em verdade, representações de contendas agrárias, relacionadas com o antigo direito natural das gentes do Lácio, gravadas já na Lei das XII Tábuas e, portanto, iniciadas desde os tempos de Saturno. Daquele primeiro estado ferino dos homens, em que as mães das crianças não faziam mais que amamentar suas crias, para depois deixá-las vagando pelas selvas, chafurdando na lama e em meio às fezes, de que mais tarde se servirão para poderem se fortalecer e sobreviver em tais selvas já sozinhos, origina-se o primeiro vínculo necessário ao homem: o matrimônio, ou a conjunção carnal pudica. Por piedade, ou melhor, por temor à divindade, os homens procuram se reconciliar e se manter em situação estável.

A Providência Divina fez com que os homens violentos e ferozes no seu estado *ex legis*, ou seja, sem lei na primeira idade dos gigantes, fossem conduzidos à humanidade para ordenar as nações, neles despertando uma idéia confusa da divindade, que eles, ignorantes, atribuíam a algo que não lhes convinha.

O matrimônio, então, representa o *Omnis vitae consortium* (a comunhão de toda a vida), pela qual a mulher assume a religião pública de seu marido. Lembremos que os primeiros homens, para significar essa idéia de casamento, arrastavam as mulheres para dentro de suas cavernas e ali tinham suas conjunções carnavais. Assim, devem as mulheres “entrar na casa de seus maridos”, tornando-se como que filhas de seus maridos e irmãs de seus filhos, segundo o costume romano primitivo.

Como o primeiro deus representado em todas as nações é Júpiter, do qual o mais antigo diziam os egípcios ser Amon, da interpretação de seus auspícios nascem todas as demais significações mitológicas.

Portanto, significando a solenidade dos matrimônios, temos Amor, figura nobre, alada e com uma venda nos olhos, para indicar o pudor, também chamado de Eros, e com ele vemos Hímen, também alado, filho de Urânia, a “contempladora do céu”, que recolhe os auspícios de Júpiter, e considerada a primeira das Musas, a “ciência do bem e do mal”, também ela alada. No entanto, mais tarde veremos um outro Amor, plebeu, que será representado sem asas e nu, para significar o amor bestial, voltado para os sentidos.

Com a solenidade dos matrimônios vem a faculdade de se velarem as mulheres, em sinal de pudor. Disto deriva a palavra latina *nuptiae*, de *nubendo* (cobrir). Pois que as mulheres casadas deveriam se apresentar, a princípio, cobertas por um véu, diferentemente das virgens, que usavam os cabelos soltos e à mostra.

Depois disso, as mulheres são tomadas por uma força simulada, que seria a força utilizada pelos primitivos para arrastarem suas mulheres para dentro das cavernas. Assim, tais mulheres eram denominadas *manuaptae*, ou seja, tomadas pela mão.

O primeiro matrimônio divino seria o de Júpiter com Juno, a segunda das doze divindades primordiais, esposa e irmã de Júpiter. Em verdade, os primeiros matrimônios devem ter ocorrido entre irmãos e irmãs, como permaneceu logo tempo entre os egípcios. Veja-se Ptolomeu e Cleópatra. E Juno aparece toda vestida representando o pudor do casamento solene. Juno também é chamada de Lucina, a que ajuda a dar à luz. A palavra herói derivaria de seu nome grego Hera. Os heróis seriam os nascidos de núpcias solenes e,

mais tarde, os “senhores de famílias”, diferenciando-se dos fâmulos, ou escravos. Daí também deriva a palavra *hereditas*, a herança, que originalmente seria a família. Juno é ainda possuidora de um ciúme incontrolável. Júpiter torna-se adúltero, pai de Hércules, desprezado por Juno, que, por tal razão, torna-se inimiga mortal das virtudes.

Vênus, também ela divindade dos matrimônios, é denominada *pronuba*, ou seja, “que cobre as sua vergonhas com um cesto”. Com a corrupção dos costumes, mais tarde Vênus será vista deitando-se com diversos homens, assim como Júpiter perseguirá diversas mulheres, deusas e mortais. Dessa forma se explica o nascimento de Enéias, filho de Vênus e Anquises. A ela e a Apolo são atribuídos os cisnes, que cantam ou vaticinam o futuro. Assim, então, Júpiter transforma-se num cisne para se deitar com Leda, jovem donzela que se banhava à beira de um rio, e de cuja relação nascem Castor, Pólux e Helena.

Vulcano, de origem plebéia, tenta se interpor numa contenda entre Júpiter e Juno, mas é por Júpiter precipitado do céu com um chute e, quando cai por terra, fica manco. Tal representa uma contenda entre plebeus e heróis, em que, vencidos os primeiros, tornam-se eles mancos no sentido de humilhados.

Diana significa-nos a castidade. Contudo, por outro lado, ela é apresentada nua (como a fonte viva), observada por Acteon, que é borrifado de água pela deusa, significando o terror de tal deusa lançado a este que a observa, e acaba por ser transformado em cervo (o mais tímido dos animais), despedaçado pelos seus próprios cães, ou seja, pelos remorsos de sua consciência ao violar um ato sagrado.

Apolo é irmão de Diana e um dos fundadores da humanidade, pois que as primeiras cidades fundaram-se sobre os montes, junto às fontes perenes. Exemplo disso é o monte Parnaso, onde habitam as Musas, as artes da humanidade, junto à fonte Hipocrene, de cujas águas bebem os cisnes, aqueles mesmos que cantam o futuro aos latinos. Apolo e Diana são filhos de Latona, proveniente de *latere* (esconder-se), exímios caçadores, que matam as feras arrancando as árvores, a fim de defenderem a si e suas famílias. E seus longos cabelos são sinal de nobreza, passando como sinal de submissão dos povos vencidos terem um ou mais fios de seus cabelos arrancados pelos nobres ou vencedores.

Baco foi aquele que domesticou os tigres por intermédio do vinho. Os tigres representam as terras com suas diversas cores, como a pele destes animais.

Io, jovem donzela, desperta a paixão em Júpiter, que a ela se torna favorável com seus auspícios. Juno sente ciúmes e manda que a vigie Argos, de cem olhos, representação dos pais argivos, cada qual com seu olho a observar a sua terra cultivada. Mercúrio, que é o caráter plebeu dos mercenários, com o som de seu píforo faz Argos adormecer, ou seja, vence os pais argivos em contenda de auspícios, e Io é transformada em vaca, que dorme com o touro, Júpiter, e vai errando pelo Egito, ou seja, entre os estrangeiros.

A primeira discórdia divina e terrena nasce por causa do domínio dos campos, que os plebeus desejam cultivar para si. Cai do céu o pomo da Discórdia e Vênus (a plebe) luta com Juno (os matrimônios) e com Minerva (os impérios). Representam-se, pois, os domínios bonitário e quiritário dos campos, ou seja, a posse dos bens, por parte dos jornaleiros, os que trabalhavam a jorna em campos alheios, e do domínio proveniente do direito dos quirites.

Os heróis, mais tarde, são os chamados *virii*, os maridos solenes, magistrados, sacerdotes e juizes, pois que nas aristocracias poéticas, núpcias, impérios, sacerdócios e julgamentos todos estavam restritos às ordens heróicas.

Saturno é assim denominado por causa das sementeiras e representa a idade de ouro da história.

Cibele ou Berecintia é a terra cultivada, assentada sobre um leão, que é a terra selvática, que os heróis reduziram à cultura, denominada “mãe dos gigantes e dos deuses”, razão pela qual os gigantes foram chamados “filhos da Terra”. Foi chamada de Vesta entre

os romanos, como deusa das divinas cerimônias, pois que as terras, aradas, correspondem aos primeiros altares do mundo, onde a deusa Vesta com a ferina religião tinha sob sua custódia o fogo e o farro (ou trigo). Por isso, as núpcias solenes entre os romanos celebravam-se *aqua et igni* com o farro, chamando-se, pois, *nuptiae conferratae*, restritas aos sacerdotes, sendo as primeiras famílias constituídas de sacerdotes. Vesta era quem sacrificava a Púpiter os ímpios de infame comunhão, que violaram os primeiros altares (ou seja, os campos de trigo). Os ímpios, então, foram as primeiras “hóstias”, ou seja, as primeiras vítimas das religiões, denominados *Saturni hostiae*. *Hostes* passou depois a ser denominado o inimigo de todo o gênero humano. Assim, os romanos recobriam com farinha as vítimas e as hóstias. As virgens vestais são aquelas que guardavam o fogo eterno, que, se por acaso se apagasse, cuidavam de reacendê-lo com os raios do sol, sob pena de serem sacrificadas por mau agouro à cidade.

Traços da violência dos deuses são apresentados nas três divindades primordiais: Vulcano, Marte e Vênus, representando ainda os caracteres heróicos. Vulcano, que se interpusera numa contenda entre Júpiter e Juno, racha a cabeça de Júpiter com um machado e de lá retira Minerva. Por isso é por Júpiter precipitado do céu. Marte, denominado o mais vil de todos os deuses, é apanhado com Vênus numa rede pelo heróico Vulcano, tornando-se este motivo de zombaria dos deuses. Vênus é tida, na verdade, como a concubina de Marte, não adúltera, pois que entre os plebeus não existiam os matrimônios solenes, mas apenas os naturais ou concubinatos.

O mundo dos poetas teólogos constitui-se de quatro elementos sagrados: o ar, quando Júpiter fulmina; a água, das fontes perenes, presididas por Diana; o fogo, com o qual Vulcano incendiou as selvas e a terra cultivada, que é Cibele.

Aqueles primeiros gigantes da história, conforme encontramos na Dignidade 68 da *Ciência nova*:

“disformes e brutos, são apreciados nos tempos romanos e gregos como os primeiros Polifemos, apresentando-se, depois destes, os magnânimos e orgulhosos, quais os Aquiles da história grega; a seguir vêm os valorosos e justos, como os Cipiãoes Africanos, mais tarde tornam-se mais vistosos, com grandes imagens de virtude, que se acompanham de grandes vícios, que fazem junto ao vulgo o rumor da glória, representados pelos Alexandres e Césares; mais adiante, os tristes e reflexivos, como os Tibérios; e, por fim, os furiosos dissolutos e impudentes, quais os Calígulas, Neros e Domicianos”.

Os primeiros pais de família exerceram um império monárquico, sujeito apenas a Deus, tanto com seus filhos quanto com seus fâmulos, que se refugiaram em suas terras, tornando-se, portanto, pais os primeiros monarcas do mundo.

Os primeiros sócios, que são os companheiros para se compartilhar a utilidade, vieram após os fâmulos ou refugiados, cujas vidas foram salvas pelos primeiros pais. Em gratidão, tiveram eles de cultivar a terra de seus senhores-pais.

As gentes que começaram naturalmente antes das cidades são chamadas de “gentes maiores”, ou seja, das casas nobres antigas, como dos pais com que Rômulo compôs o Senado e, com ele, a cidade romana. As “gentes menores” (as plebéias) são novas casas nobres, fundadas depois das cidades, como a dos pais com que Bruto expulsou os reis e preencheu o Senado.

Segundo essa formação, constituiu-se a divisão dos deuses, onde se vêem entre os doze primeiros: Júpiter e Juno, Diana e Apolo, Vulcano, Saturno e Vesta, Marte e Vênus, Minerva e Mercúrio e Netuno, constituintes das chamadas “gentes maiores” e os deuses

das “gentes menores” são os consagrados pelos povos, como Rômulo, que, depois de morto o povo chamou de deus Quirino.

Conta ainda Vico uma fábula, que, como dissemos, é um dos fundamentos da civilização humana, que é a história de Cadmo. Este personagem matara uma grande serpente, representando o desmatamento da grande selva antiga da terra, povoada por aqueles homens rudes gigantes; ele semeia os dentes desta serpente na terra; com curvos troncos sólidos, pois que, antes de ser descoberto o uso do ferro, serviram estes como arados, que se chamavam “dentes”, arando os primeiros campos do mundo. Lança uma grande pedra, a terra dura, que desejavam para si aqueles fâmulos refugiados. Nasceram dos sulcos homens armados, que pela contenda heróica são os heróis saindo de seus fundos, ou propriedades, para dizer que são senhores desses fundos e se unem armados contra as plebes, combatendo contra os clientes a eles contrários e fundam, assim, as primeiras cidades. E Cadmo se transforma numa serpente (resultando disso a autoridade dos senados aristocráticos). E tal fábula foi primeiramente ensinada aos gregos e depois transmitida aos latinos, representando a infância do mundo, que precisava dessas histórias para se sustentar e se formar.

Apoiado em autoridades antigas como Plínio, Varrão e Valério Máximo, Giambattista Vico procura demonstrar como muitas das instituições laicas, que os povos do Lácio deixaram, têm origem comum na religião e, a partir daí e das comparações de línguas e mitos, reconstitui o processo de formação de uma “unidade comum das nações” modernas, argumento central dessa ciência do homem.

Referências bibliográficas:

- BLOCH, Leon. *Lutas sociais na antiga Roma*. Lisboa: Europa-América, s.d.
- BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, 1972.
- BUNSE, Heinrich. *As biografias de Homero*. Porto Alegre: UFRGS, 1974.
- CODINO, Fausto. *La questione omerica*. Roma: Editori Riuniti, 1976.
- DEREMETZ, Alain. *Le miroir des Muses*. Villeneuve d’Ascq : Presses Universitaires du Septentrion, 1995.
- GARDINER, Patrick. *Teorias da História*. Lisboa : Calouste Gulbenkian, 1995.
- GARIN, Eugenio. *La filosofia dal Rinascimento al Risorgimento*. Milano : Vallardi, 1947.
- LE GOFF, Jacques et alii. *A nova história*. Lisboa : Edições 70, 1983.
- VICO, Giambattista. *A ciência nova*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- ----- . *Autobiografia, Poesie, Scienza nuova*. A cura di Pasquale Soccio. Milano: Garzanti, 1983.